



A Santa Sé

**MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II
AO PONTIFÍCIO COMITÉ DAS CIÊNCIAS HISTÓRICAS
POR OCASIÃO DO CONGRESSO PELO CENTENÁRIO
DA MORTE DO PAPA LEÃO XIII**

Veneráveis Irmãos

Illustres Senhores

*Gentis Senhores*¹. Muito oportunamente, o Pontifício Comité das Ciências Históricas quis recordar o centenário da morte do Papa Leão XIII, de venerada memória. De facto, este meu ilustre predecessor não se limitou a fundar a Comissão cardinalícia para a promoção dos estudos históricos, da qual teve origem o actual Pontifício Comité das Ciências Históricas, mas igualmente incentivou as ciências históricas mediante a abertura aos estudiosos do Arquivo Secreto do Vaticano e da Biblioteca Apostólica do Vaticano. Alegro-me, portanto, por esta iniciativa e, com muito prazer, saúdo cada um de vós, que nestes dias quisestes prestar homenagem à memória de um tão iluminado Pontífice, colocando em particular evidência os méritos em relação às disciplinas históricas.² Como se sabe, o incentivo de Leão XIII alargou-se eficazmente aos diversos âmbitos da acção pastoral e do empenho cultural da Igreja. Já tive a oportunidade de me deter a falar sobre alguns deles em ocasiões precedentes. Por exemplo, sobre a atenção que o Papa Pecci reservou aos problemas emergentes no campo social na segunda metade do século XIX, atenção que ele expressou de modo especial na Carta encíclica *Rerum novarum*. Quanto a este assunto da doutrina social da Igreja, dediquei, por minha vez, a Encíclica *Centesimus annus*, com amplas referências àquele Documento fundamental (cf. nn. 4 -11). Devemos recordar também o forte impulso dado por Leão XIII à renovação dos estudos filosóficos e teológicos, particularmente com a publicação da Carta Encíclica *Aeterni Patris*, com a qual ele contribuiu igualmente, de modo significativo, para o desenvolvimento do neotomismo. Mencionei precisamente este aspecto particular do seu Magistério, na Encíclica *Fides et ratio* (cf. nn. 57-58). Finalmente, não devemos esquecer a sua profunda devoção mariana e a sua sensibilidade pastoral pelas tradicionais formas de piedade popular para com a Virgem Maria, em particular pelo Rosário. Sublinhei este aspecto na recente Carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, na qual recordava a sua Encíclica *Supremi apostolatus officio* e outras das suas numerosas intervenções sobre esta oração, que ele recomendava como "eficaz instrumento espiritual para os males da sociedade" (n. 2).³ Sem perder de vista este amplo contexto teológico, cultural e pastoral no qual se desenvolveu a acção do Papa Leão XIII, o presente Congresso oferece-me uma grata

oportunidade para recordar o incentivo do grande Pontífice na campo dos estudos históricos. Como Leão XIII, estou igualmente convencido de que é bom para a Igreja esclarecer, tanto quanto possível mediante os instrumentos das ciências, a plena verdade dos seus dois mil anos de história.

Sem dúvida, aos historiadores pede-se não só que apliquem escrupulosamente todos os instrumentos da metodologia histórica, mas que prestem também uma consciente atenção à ética científica que sempre deve assinalar as suas pesquisas. No seu conhecidíssimo documento *Saepenumero considerantes*, Leão XIII endereçou aos estudiosos de história um famoso conselho de Cícero: "*Primam essere historiae legem ne quid falsi dicere audeat, deinde ne quid veri non audeat; ne qua suspicio gratiae sit in scribendo, ne qua simultatis*" (Leonis XIII Acta, III, 268). Estas palavras de grande sabedoria incentivam o historiador a não ser nem acusador nem juiz do passado, mas a empenhar-se pacientemente para compreender cada coisa com a máxima perspicácia e amplidão, a fim de delinear um quadro histórico o mais possível fiel à verdade dos factos.⁴ Diversas vezes, durante estes anos, procurei sublinhar a necessidade da "purificação da memória" como premissa indispensável em vista de uma ordem internacional de paz (cf. por exemplo, *Mensagem para o Dia Mundial da Paz*, de 1997, n. 3). Quem investiga sobre as raízes dos conflitos em acto nas diversas partes do planeta descobre que os eventos acontecidos nos séculos passados continuam a fazer sentir também no presente as suas funestas consequências. Não raramente e isto torna ainda mais complexa a situação estas memórias "poluídas" tornaram-se exactamente pontos de cristalização da identidade nacional e, em alguns casos, até mesmo da religiosa. Eis por que é preciso renunciar a qualquer instrumentalização da verdade. O amor dos historiadores pelo próprio povo, também pela sua comunidade religiosa, não deve entrar em competição com o rigor pela verdade elaborada cientificamente. Foi daqui que teve início o processo da purificação da memória.⁵ O convite para honrar a verdade histórica não comporta, obviamente, que o estudioso abdique da sua orientação ou abandone a sua identidade. Dele se espera somente a disponibilidade para compreender e a renúncia a expressar um juízo apressado ou deveras faccioso. De facto, no estudo da história não se pode automaticamente aplicar ao passado critérios e valores adquiridos somente depois de um processo secular. Porém, é importante esforçar-se acima de tudo por remontar ao contexto socio-cultural da época, para compreender o que aconteceu a partir das motivações, das circunstâncias e dos aspectos do período em exame. Os acontecimentos históricos são o resultado de interligações complexas entre a liberdade humana e os condicionamentos pessoais e estruturais. Devemos ter presente tudo isto quando pretendemos "purificar a memória".⁶ Ilustres Senhores e gentis Senhoras! Destas reflexões emerge com clareza que é necessário em primeiro lugar reconciliar-se com o passado, antes de se iniciar um processo de reconciliação com outras pessoas ou comunidades. Este esforço por purificar a própria memória comporta, tanto para os indivíduos como para os povos o reconhecimento dos erros efetivamente cometidos e dos quais é justo pedir perdão: "Não se pode permanecer prisioneiros do passado", admoestava eu na Mensagem citada (n. 3). Isto às vezes exige não pouca coragem e abnegação. Somente este, porém, é o caminho pelo qual os grupos sociais e as nações, libertados dos empecilhos dos antigos sentimentos, podem unir as suas forças com fraterna e recíproca lealdade, para criar um futuro melhor para todos. Que isto aconteça sempre! Eis o desejo que corroboro com uma particular lembrança na oração. Ao renovar a cada um de vós o meu vivo agradecimento pelo serviço que prestais à Igreja, apresento-vos os melhores votos no Senhor e abençoo-vos a todos de coração. *Vaticano, 28 de Outubro de 2003.*